

HOMEM SELVAGEM



7 a 31 de MAIO ~ Galeria Cozinha da FBAUP

Organização ~ Júlio Dolbeth ~ Rui Vitorino Santos

Alice Geirinhas ~ Christina Casnellie ~ El-Ed ~ Gustavo Roldan ~ Isabel Carvalho
Jean-Michael Seminaro ~ João Maio Pinto ~ José Cardoso ~ José Feitor ~ Júlio Dolbeth
Lisa Linnéa Smith ~ Gémeo Luís ~ Luis Urculo ~ Maxi Luchini ~ Marco Mendes
Marta Madureira ~ Miguel Carneiro ~ Pedro Lino ~ Pedro Nora ~ Pedro Zamith
Rita Carvalho ~ Rui Vitorino Santos ~ Sergio Mora ~ Valerio Vidali

Esta exposição será o ponto de partida para uma série de eventos futuros dedicados à Ilustração e os seus processos de actuação. Pretende-se que este evento inicie uma série de plataformas que possibilitem a exposição, reflexão e divulgação do trabalho dos ilustradores, tornando visível uma área em desenvolvimento não só no seio da instituição, mas também nos contextos nacionais e internacionais.

ENTER ~

Do mito do Homem Selvagem

Maria José Goulão

O imaginário europeu da Idade Média encontrava-se povoado de referências a seres fabulosos, cuja origem se tem de situar em obras de história natural, cosmologias, crónicas e enciclopédias, conhecidas genericamente como as *Maravilhas do Oriente*. Heródoto, Plínio, Solinus ou Martianus Capella, já no século V, foram alguns dos autores que forneceram descrições minuciosas das raças monstruosas(1), descrições essas retomadas e desenvolvidas mais tarde por escritores como Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha, Rabão Mauro, Vicente de Beauvais, Rogério Bacon, Marco Polo ou Sir John Mandeville.

De entre as várias criaturas fruto de lendas perdidas no tempo, uma hiuve que se tornou um dos motivos mais referenciados na criação literária e artística medievais. Trata-se do *homem selvagem*, ou *homem silvestre*(2), ser puramente mítico que, enquanto ligado ao folclore, epopeias, romances e alegorias medievais, surge quase sempre como uma criatura violenta, agressiva, dotada de poucas capacidades racionais, incapaz de falar, dando livre curso aos seus desejos sensuais e desprovida do conhecimento de Deus.

Este ser primitivo, herético e irracional, torna-se, pela sua natureza intrínseca, objecto de ansiedade numa sociedade dominada pelos valores da religião e da ordem. Enquanto conceito abstracto, definidor e exemplificador da "não-civilização", contrapunha-se pela negativa aos padrões de cultura vigentes e estandardizados, servindo, como paradigma antitético, para dignificar o modo de vida do homem medieval, considerado superior.

Mas a interpretação iconográfica do *homem selvagem* é mais complexa; enquanto símbolo, ele representa um conjunto de ideias e de sentimentos em contradição frequente com o mito que lhe deu origem. Com efeito, nos finais da Idade Média, o *homem selvagem* surge por vezes representado num contexto de valoração positiva, como uma criatura vivendo em estreita harmonia com a Natureza e levando uma existência livre, capaz de suscitar a admiração e o respeito(3). Esta valoração positiva do *homem selvagem* tem como base o aparecimento das doutrinas relacionadas com o primitivismo, que viam na sua forma de vida uma alternativa válida para os males que afectavam a civilização.

Por outro lado, quando, com a chegada das notícias dos novos mundos descobertos, se perde a convicção no mito do *homem selvagem*, dissolvido pelos conhecimentos científicos recém-adquiridos, este deixa de representar uma ameaça para a sociedade em geral, para ser reconstituído como um mito interno e psíquico, segundo Timothy Husband(4).

A representação da caçada ao *homem selvagem*, ou deste acorrentado e seguro por uma donzela, reflectiriam assim o desejo de extirpar e eliminar os instintos mais primários de cada ser humano. Ao *homem selvagem* aparece muitas vezes atribuído um papel erótico, sobretudo no século XIV, em figurações que têm possivelmente por base novelas de cavalaria ou romances medievais, como José Maria de Azcárate demonstrou de forma pertinente(5). A sua representação do *selvagem* a raptar uma donzela, ou de um torneio entre um grupo de *selvagens* e um grupo de cavaleiros, que disputam entre si o favor de várias donzelas, ou ainda de um ou vários *selvagens* a atacarem o Castelo do Amor, no qual se encontram várias figuras femininas, mostra um desejo de sublimação dos instintos sexuais, reprimidos pelos códigos religiosos e sociais, bem como uma tentativa de anular o sentimento de culpa concomitante(6).

Tanto nas *Maravilhas do Oriente* como nas lendas alexandrinas, surgem já referências a protótipos primitivos do *homem selvagem*, mas é durante a Idade Média que se estabelece a sua iconografia definitiva.

Nesta altura, o *homem selvagem* aparece como um ser coberto de longa pelagem, exceptuando o rosto, as mãos e os pés(6). Uma variante apresenta-o com o corpo coberto de espessa folhagem em vez de pelo – trata-se do *homem silvestre*. Ambos podem, nalguns casos, apresentar-se com um saiote de folhas e ramos de árvore presos à cintura ou com coroas de flores e de folhagens na cabeça. O atributo característico do *homem selvagem* é uma grossa maça ou moca de madeira, que este transporta ao ombro ou numa das mãos. Nalguns casos este objecto foi substituído por um arco e flechas.

O habitat do *homem selvagem* eram as regiões isoladas, montanhosas ou cobertas de densas florestas. Aliás, seria interessante verificar que o mito do selvagem teve um desenvolvimento muito grande nas regiões alpinas de expressão alemã, onde sobreviveu até aos nossos dias(8). Mas a representação deste curioso personagem não se circunscreveu de forma nenhuma ao norte da Europa. Pode-se dizer que ele invade todas as superfícies e objectos que permitem a sua inclusão como elemento decorativo e que vão da gravura, iluminura ou escultura até cartas de jogar, formas de bolos ou tapeçarias(9).

NOTAS

(1) Heródoto na *Historia*, Plínio na *Historia Naturalis*, Iulius Solinus na *Collectanea rerum memorabilium* e Martianus Capella na obra *De nuptiis Philologiae et Mercurii*.

(2) Para o estudo do tema do *homem selvagem*, é fundamental a obra de Timothy Husband, *The wild man – Medieval myth and symbolism* (cat. da expos.), New York, The Metropolitan Museum of Art, 1980. Trata-se, tanto quanto temos conhecimento, do catálogo da exposição mais completa até hoje realizada sobre o assunto. Ver também Raimond van Marle, *Iconographie de l'art profane au Moyen-âge et à la Renaissance, et la décoration des demeures*, vol I, *La vie quotidienne*, New York, Hacker art Books, 1971, pp. 183-187.

(3) Raimond van Marle, *ob. cit.*, pp. 184 e 186, refere a existência de um número impressionante de tapeçarias de estilo germânico, executadas talvez na Alsácia e na Suíça e datadas do século XV, bem como de gravuras possivelmente bolonhesas, que exploram o tema da vida familiar e pacífica do *homem selvagem*.

(4) Timothy Husband, *ob. cit.*, pp.12-16.

(5) José Maria de AZCARATE, *El tema iconografico del salvaje*, "Archivo español de Arte", nº 82, Abril-Junho 1948, pp. 81-99.

(6) Timothy Husband, *ob. cit.*, p. 14.

(7) segundo Timothy Husband, *ob. cit.*, pp.7-11 e 41, só a partir do século XII se estabelece a convenção iconográfica da pelagem do *homem selvagem*. O corpo coberto de pelos significa não só uma forma de vida longe da civilização, mas também um estado mental próximo do síndrome maníaco-depressivo. Com efeito, o *homem selvagem* é descrito como um ser simultaneamente barulhento, hiperactivo e enraivecido (características da *mania*), e depressivo, silencioso, solitário e desconfiado (características da *melancolia*). A *mania* e a *melancolia*, consideradas por Santo Isidoro de Sevilha como as principais doenças mentais, aparecem também associadas à ideia de pecado, sendo vistas como uma forma de testar a fibra religiosa e moral do homem, como uma penitência com vista a alcançar a salvação ou ainda como um castigo para a desobediência religiosa.

É curioso verificar que figuras como os anacoretas, os santos penitentes – Santa Maria Madalena ou São João Crisóstomo –, Merlin, Lancelote, Tristão, Herodes e outras que experimentaram temporariamente um estado de insanidade mental, são representados convencionalmente, nalguns casos, com o corpo coberto de pelos, numa identificação clara com o *homem selvagem*.

(8) Timothy Husband, *ob. cit.*, p. 2.

(9) Segundo Timothy Husband, *ob. cit.*, p. 4, o *homem selvagem* aparece ainda representado em livros impressos, textéis, vidros, pintura em madeira, cerâmica, esmaltes, peças de ouriversaria, bronzes e portais de catedrais.



Galeria da Cozinha
FBAUP